

## **Aprender: A concepção de estudantes universitários de um curso na área da educação**

*Camila Marta de Almeida*

*Sofia Freire*

*Juana de Carvalho Ramos Silva*

*Carolina Carvalho*

**Resumo:** Investigações focadas nas concepções de aprendizagem dos alunos revelam que estas diferem e que originam formas de aprender também diferentes. Algumas destas concepções são compatíveis com perspectivas mais atuais sobre o que se pretende com o ensino superior e que tipo de envolvimento se pretende dos alunos. Sabendo que as concepções sobre o que é aprender originam formas distintas de interagir com o contexto de ensino-aprendizagem, é fundamental conhecê-las de forma adequá-las às exigências da sociedade actual. Este estudo de cunho exploratório objetivou conhecer as concepções de estudantes do ensino superior sobre o que é aprender. Participaram 56 estudantes do primeiro ano de uma licenciatura na área da educação, sendo a maioria do género feminino (83,9%), com idade média de 19,5 anos ( $DP=1,7$ ). Para a recolha de dados os estudantes responderam a duas questões abertas. Os dados foram analisados a partir de um conjunto de categorias prévias sobre concepções de aprendizagem utilizadas em investigações fenomenográficas. Os resultados obtidos revelam que os estudantes entendem a aprendizagem como a aquisição de conhecimentos e memorização (73% do total de respostas). Poucas respostas mencionaram os processos de construção de significados pessoais e a transformação (27% do total de respostas), sendo estes aspetos essenciais da pedagogia universitária. Assim, este estudo vem salientar a importância de se explorar a concepção de estudantes sobre o que é aprender e como se aprende, para possibilitar o desenvolvimento de pedagogias promotoras do envolvimento ativo dos estudantes e estimulando a construção de significado.

**Palavras-chave:** Concepções de aprendizagem, Estudantes universitários.

### **Introdução**

Desenvolver um ensino de qualidade ao nível superior é uma tarefa complexa, pois requer uma prática pedagógica que permita a construção do aluno como sujeito aprendiz ao longo da vida, que sabe usar uma série de recursos para responder a situações novas. Esta visão

opõe-se a um ensino superior demasiado vocacional, centrado em conteúdos disciplinares. Esta visão do ensino superior requer novas formas de compreender a aprendizagem e a pedagogia no ensino superior, nomeadamente pelos próprios estudantes. Como referem Freire e Duarte (2010), “a conquista de aprendizagens mais profundas e funcionais implica a compreensão das diferentes formas com as quais os intervenientes dos processos educativos representam a aprendizagem, assim como a conscientização dessas representações” (p. 877).

Compreender o processo ensino aprendizagem em sua totalidade requer compreender como o estudante vivencia esse processo (Freire & Duarte 2016; Grácio, 2006). De facto, é importante que os estudantes do ensino superior, logo na sua formação inicial, pensem sobre a sua conceção de ensino e de aprendizagem, visto que essa sua compreensão pode influenciar a sua aprendizagem durante o percurso académico (Freire & Freire, 1999). Afinal, como ressalta Duarte (2004), a maneira utilizada pelos estudantes para obter êxito nas atividades de cunho académico está relacionada com a sua conceção de aprendizagem. E de facto, a aprendizagem dos estudantes pode ser uma tarefa difícil, se as experiências de aprendizagem que ele viveu ao longo da sua escolarização diferirem de experiências no ensino superior (Säljö, 1979). Como ressalta Boulton-Lewis (2004):

The conceptions for university students are augmented by more advanced qualitative conceptions which encompass seeing something in a different way or actually changing as a person. These more advanced conceptions are not always apparent at the beginning of university study for non-Western students or for those such as the Aboriginal students who, in many cases have had a less than satisfactory secondary school experience. It is suggested that the apparent developmental sequence for conceptions of learning and congruent strategies is affected by context, general cognitive development, by acquisition of content knowledge and by challenges to learn more about learning. Generally students who hold higher conceptions of learning and approaches can orchestrate the whole range depending on the context and their motivation. Students who hold only lower level conceptions and approaches are limited to using those (p. 6).

Sabendo que as conceções sobre o que é aprender originam formas distintas de interagir com o contexto de ensino-aprendizagem, é fundamental conhecê-las de forma adequá-las às exigências da sociedade

atual. Este estudo, de cunho exploratório, objetivou conhecer, por meio de uma abordagem fenomenográfica (Marton, 1981), as concepções de estudantes do ensino superior sobre o que é aprender.

### *Concepções sobre o que é aprender*

Freire e Freire (1999) estudaram concepções de aprendizagem de estudantes universitários portugueses. Realizaram duas questões (“o que é aprender?”, “que evidências têm que aprendeu nessa disciplina?”) no início e após um semestre de aula. Para a análise dos dados utilizaram as categorias fenomenográficas propostas por Beaty, Dall’Alba e Marton (1993). As autoras após um semestre de aula verificaram uma mudança qualitativa nas respostas dos estudantes. Os resultados apontam que, no início do semestre os alunos associam aprender a aumento de conhecimento e, também, a aquisição de factos e procedimentos que podem ser retidos e utilizados na prática de e que, no final do semestre, os alunos associam aprender essencialmente à atribuição de significados, e também aumento de conhecimento e transformação pessoal.

Duarte (2004) realizou em estudo com estudantes iniciantes do ensino superior de uma universidade de Lisboa. O objetivo do estudo foi a concepção de aprendizagem nos aspectos: significado, processo e contexto. Os resultados indicam que a maioria dos estudantes inquiridos associa aprender a aumento de conhecimento. Freire e Duarte (2010) com objetivo semelhante, realizaram um estudo com estudantes universitários brasileiros, tendo os resultados sido semelhantes com os estudos de Duarte (2004). Com base nos resultados, os autores afirmam que a melhoria da aprendizagem no ensino superior passa pelo conhecimento e pela reflexão dos estudantes sobre as suas concepções sobre aprender (Duarte, 2004; Freire & Duarte, 2010). Já Grácio (2006) investigou a concepção de aprendizagem de estudantes do 9º ano, 12º ano e do último ano de um curso de licenciatura na área da educação. Os resultados evidenciam que os alunos associam aprender a aumento de conhecimento e que, para a maioria, a aprendizagem é vista como um processo que se vivencia ao longo da vida.

Nevogan, Sterian e Colesniuc (2014) estudaram a relação das concepções de aprendizagem e a motivação estudantes de universitários de ensino presencial e à distância (no final do curso). Os resultados apontam que os estudantes universitários do ensino à distância apresentam concepções de aprendizagem menos associadas a acumulação de conhecimento, reprodução e dever e que os estudantes do ensino presencial associaram aprendizagem menos às categorias: mudança pessoal e processo contínuo. Para além disso, os resultados revelam que a motivação intrínseca está positivamente associada a concepções de aprendizagem como mudança pessoal, processo contínuo, dever e desenvolvimento social. Os autores salientam a importância de se repensar o desenvolvimento das concepções de aprendizagem no ensino superior, concepções pautadas numa visão reflexiva tanto na modalidade presencial e/ou a distância.

## **Metodologia**

Para aceder ao significado que os estudantes universitários associam à aprendizagem, foi utilizada uma investigação fenomenográfica, pois esta tem-se afigurado como uma abordagem útil para compreender a aprendizagem de universitários (Richardson, 2013). A fenomenografia é uma abordagem que busca compreender o significado individual sobre o conceito de aprendizagem por meio de um enfoque qualitativo, ou seja, pode ser estudada por aplicação de questionários com perguntas abertas ou entrevista, que, após a recolha de dados, as respostas dos estudantes são analisadas pela metodologia de análise de conteúdo (Duarte, 2004; Freire & Duarte, 2010). Como referem Rebelo e Duarte (2012),

(...) desde o seu início, a fenomenografia interessou-se sobre a concepção de aprendizagem dos estudantes, atendendo ao impacto potencial dessa concepção no modo de aprendizagem por eles efectivamente utilizado. Dessa forma, tem vindo a procurar elucidar as variações daquela representação através de um método de análise qualitativa que envolve a questionação aberta sobre o sentido da aprendizagem, normalmente por entrevistas, seguidas de uma análise de conteúdo de respostas. As três dimensões da concepção de aprendizagem normalmente estudadas pela Fenomenografia são a dimensão referencial (i.e., o que é aprender); a dimensão

processual (i.e., como se aprende) e a dimensão contextual (i.e., onde se aprende). (p. 88).

Participaram no estudo 56 estudantes do primeiro ano de uma licenciatura na área da educação de uma universidade de Lisboa. A maioria dos participantes era do género feminino (83,9%), com idade média de 19,5 anos ( $DP=1,7$ ).

Para a recolha de dados, recorreu-se a um questionário construído especificamente para o efeito. O questionário era constituído por uma questão abertas (“o que é para si aprender?”) e algumas questões socio-demográficas e relativas ao percurso escolar para caracterização da amostra. O questionário foi aplicado em ambiente sala de aula por uma das pesquisadoras. Os dados foram categorizados por meio da análise de conteúdo (Bardin, 2009). Na pergunta “o que é aprender?” as respostas foram classificadas a partir de um conjunto de categorias prévias sobre concepções de aprendizagem utilizadas em investigações fenomenográficas, especificamente a proposta por Marton, Dall’Alba e Beaty (1993): aumento de conhecimento; memorização e reprodução; memorização e aplicação; compreensão; reinterpretação; mudança pessoal.

## **Resultados**

Na maioria das respostas, aprender surge associado a aumento de conhecimento (62%). Esta categoria tem características de acumulação de conhecimentos por imposição, ou seja, é algo externo ao aluno (Freire & Freire, 1999). Aprendizagem como memorização e reprodução surge em apenas 2% das respostas, o que remete para perspetivas muito associadas à retenção de conceitos (Freire, 2009), presumindo uma postura mais passiva do sujeito. Em 9% das respostas, aprender é visto como memorização e aplicação. Aprender nessa categoria significa colocar em prática os conhecimentos aprendidos (Freire & Freire, 1999), o que requerá maior envolvimento do sujeito com a sua própria aprendizagem; mas na mesma pervalece uma visão instrumental de aprendizagem (Quadro 1).

## Quadro 1

### Caracterização do que é aprender ou da concepções de aprendizagem

Categories	O que é aprender Frequência %
Aumento do conhecimento	62%
Memorização e reprodução	2%
Memorização e aplicação	9%
Compreensão	11%
Reinterpretação	2%
Processo de mudança pessoal	14%

Alinhado com a pouca saliência desta visão mais instrumental da aprendizagem, é de referir que em 14% das respostas emerge a noção de aprendizagem como um processo de mudança pessoal, remetendo-nos para dimensões mais associadas à realização e crescimento pessoal, e que apenas 11% das respostas revelam uma associação de aprender com compreensão, revelando um perspectiva mais ativa do papel do aluno na sua própria aprendizagem.

## Conclusões

A presente investigação teve como objetivo conhecer a concepção de aprendizagem de estudantes universitários. Para a maioria dos estudantes deste estudo a aprendizagem é vista como um aumento de conhecimentos. Estes resultados são consistentes com aqueles reportados noutras investigações sobre a concepção de aprendizagem (e.g., Freire & Duarte, 2009; Grácio 2006).

Vivemos numa sociedade do conhecimento, assente na construção constante de novo conhecimento usando ferramentas de conhecimento (Hargreaves, 2003). É esta capacidade de constantemente produzir novo conhecimento de forma a dar resposta às novas situações que faz avançar a economia (Hargreaves, 2003) e que torna, simultaneamente, o ensino superior uma roda fundamental nessa engrenagem (UNESCO, 2009; Yang, Schneller, & Roche, 2015).

Com efeito, a aprendizagem ao longo da vida é hoje um elemento central da agenda política nacional e internacional (e.g., Laal & Salamati, 2012), sendo que são competências consideradas essenciais todas aquelas que permitem ao aluno desenvolver-se de forma autónoma e autorregulada (Partnership for 21<sup>st</sup> Century Skills, 2009). O ensino superior é chamado a dar resposta a este desafio; mas também, como referem Viron e Davies (2015), a universidade tem que também dar resposta a necessidades de crescimento pessoal e a oportunidade de enriquecimento cultural. Isto requer novas formas de desenvolver a aprendizagem e a pedagogia no ensino superior e também novas formas dos estudantes compreenderem a aprendizagem.

## Referências

- Boulton-Lewis, G. M. (2004) Conceptions of teaching and learning at school and university: similarities, differences, relationships and contextual factors. *European Journal of School Psychology*, 2(1-2), 19-38.
- Duarte, A. M. (2004). Concepções de aprendizagem em estudantes universitários(as) portugueses(as). *Psicologia*, XVIII(1), 147-163.
- Freire, L., & Duarte, A. M. (2010). Concepções de aprendizagem em estudantes universitários brasileiros. *Psicologia USP*, 21(4), 875-898. doi: 10.1590/s0103-6564201000040001
- Freire, L., & Duarte, A. M. (2016). Concepções de estudantes universitários brasileiros sobre os fatores e as funções da aprendizagem. *Ensaio: Aval. pol. públ. Educ.*, 24 (91), 380-394.
- Freire, L. G. L. (2006). Concepções e abordagens sobre aprendizagem: A construção do conhecimento através da experiência dos alunos. *Ciências & Cognição*, 9, 162-168.
- Freire, L. G. L. (2009). Teoria fenomenográfica e concepções de aprendizagem. *Unochapecó*, 11(22), 9-37.
- Freire, S., & Freire, A. (1999). *Ideias dos estudantes do 3º e 4º anos das licenciaturas em Ensino das Ciências relativas ao conceito de aprender*. Trabalho apresentado em 2º Encontro de Pesquisa em Educação em Ciências. In Actas do 2º Encontro de Pesquisa em Educação em Ciências, S. Paulo.

- Grácio, M. L. F. (2006). O que é aprender? Concepções de aprendizagem do final da escolaridade obrigatória ao ensino superior. *Psicologia e educação*, 5(2), 25-38.
- Hargreaves, A. (2003). *O ensino na sociedade do conhecimento*. Porto: Porto Editora.
- Laal, M., & Salamati, P. (2012). Lifelong learning; why do we need it? *Procedia – Social and Behavioral Sciences* 31, 399-403.
- Marton, F. (1981). Phenomenography – Describing conceptions of the world around us. *Instructional Science*, 10, 177-200.
- Marton, F., Dall’Alba, G., & Beaty, E. (1993). Conceptions of learning. *International Journal of Educational Research*, 19(3), 277-300.
- Negovan, V., Sterian, M., & Colesniuc, G. (2015). Conceptions of learning and intrinsic motivation in different learning environments. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, 187, 642-646.
- Partnership for 21<sup>st</sup> Century Skills. (2009). *P21 Framework Definitions*.
- Rebelo, M., & Duarte, A. (2012). Concepções de aprendizagem com o computador em estudantes universitários. *Psicologia*, 26(2), 87-111.
- Säljö, R. (1979). Learning about learning. *Higher Education*, 8, 443-451.
- UNESCO. (2009). *Communiqué of the World Conference on Higher Education: The New Dynamics of Higher Education and Research for Societal Change and Development*. Paris: UNESCO.
- Viron, F., & Davies, P. (2015). From universit y lifelong learning to Lifelong learning universities: developing and implementing effective strategies. In J. Yang, C. Schneller, & S. Roche (Eds.), *The role of higher education in promoting lifelong learning* (pp. 40-59). Hamburg: UNESCO, Institute for Lifelong Learning.
- Yang, J., Schneller, C., & Roche, S. (2015). *Introduction*. In J. Yang, C. Schneller, & S. Roche (Eds.), *The role of higher education in promoting lifelong learning* (pp. 1-17). Hamburg: UNESCO, Institute for Lifelong Learning.